

A MINHA CARTILHA

— de Duarte Palma.

Amor e ideal são partes dum todo. Melhor, amor é uma parte—parte indispensável—do ideal. Mas assim como há ideais activos, igualmente existem ideais passivos, brancos, meios sonho, meios egoísmo. Uns agem—outros olham. Uns concebem e realizam—outros imaginam... e dormem. Entretanto todo o desejo, pois que é energia em potência, tende a realizar-se, não sendo a própria vida mais que desejo realizado, isto é, amor feito acção, a forma mais alta do ideal.

Com o seu trabalho, Duarte Palma demonstra enfileirar ao lado daqueles que colocam o esforço ao serviço da inteligência: pensando, actua—amando, intervem. Livro de iniciação da leitura, livro para crianças, portanto, **A Minha Cartilha** é o produto da afeição do autor pelos pequeninos. E, porque se há labores elevados, nenhum excede o de pugnar em prol da alegria e dignificação do mundo infantil, a obra só por isto mereceria a nossa simpatia. As qualidades que em si mesma possui recomendam-na, porém. A de se firmar no modo de ser da criança, isto é, na sua psicologia, representa um dêsse predicados, o seu maior predicado, mesmo. Realmente, a bela ideia—em que assenta todo o método de Duarte Palma—de «dar às letras a forma humana ou a forma de qualquer outro animal», sendo nova—no nosso país pelo menos—há-de, fatalmente, interessar a gente de palmo e meio, atraí-la, dispô-la bem.

No que respeita a emprêgo de vocábulos, já o autor não foi, por vezes, tão feliz. Esta pequena insuficiência pode, todavia, remediar-se numa segunda edição do seu trabalho, que há-de ter, disso estamos certos.

A. R.

Louis-Hector Berlioz nasceu em Côte-Saint-André, pequena cidade no departamento do Isère, a 11 de Dezembro de 1803, e morreu em Paris a 8 de Março de 1869.

Filho de um médico, insurgiu-se contra a vontade dos pais, que por um princípio de tradição queriam destiná-lo também à medicina, mas impulsionado pela sua vocação musical abandonou a Universidade para se matricular no Conservatório de Paris.

Em Composição teve por mestre Lesueur.

Decifrando as partituras das obras de Gluck, encontrou no reformador da ópera antiga o precioso guia para o estudo da instrumentação.

Concorrente por três vezes ao prémio de Roma e por três vezes derrotado, só à quarta, em 1830, o obteve, com a sua cantata *Sardanapalo*.

Em Roma, Berlioz forma, com Liszt e Mendelssohn, um grupo à parte, conhecido pelo nome de *Sociedade da indiferença em matéria universal*, e em cujas reuniões efectuadas na villa Médicis ou no café Greco, conversavam de Beethoven, de Schiller, de Goethe, de Haydn e de Mozart.

Durante os seus estudos em Itália, Berlioz compôs a abertura para *O Rei Lear* e o poema sinfónico com canto, *Lélio*.

As suas principais obras são: *Sinfonia fantástica*, op. 14; *Romeu e Julieta*, op. 17, sinfonia dramática com solos; *Benvenuto Cellini*, op. 23, ópera em dois actos; *A danação do Fausto*, op. 2, legenda dramática, e um *Requiem*.

Berlioz foi o genial criador da «música de programa» sinfónica, opinando que a música sem sentido objectivo era um conjunto vazio de sons.

A «música de programa» era toda aquela cujo descriptivo ocupava a ideia do compositor no comentário dum texto poético, descrevendo estados de alma ou impressões da natureza.

Liszt foi o seu mais entusiástico defensor e continuador, adoptando a factura descriptiva nos seus belos poemas sinfónicos *Tasso*, *Os Prelúdios*, *O que se escuta sobre a montanha*, *Orfeo*, *Prometheu*, *Ma-*

zeppa, *Hungria*, *Hamlet*, *Ruidos de Festa*, *Os ideais* e *A batalha dos Hunos*, erguendo assim a figura de Berlioz à culminancia histórica dum inovador.

O herdeiro e continuador de Berlioz e de Liszt é Ricardo Strauss (não pertence à dinastia dos Strauss das valsas vienenses), nascido a 11 de Junho de 1864 em Munich, e em cujos poemas sinfónicos—*D. João*, *Macbeth*, *Morte e transfiguração*, *As travessuras de Till Eulenspiegel*, *Assim falava Zarathustra*, *D. Quixote*, *Vida de heroi* e *Sinfonia doméstica*—elevou ao refinamento a pintura musical e o característico.

Berlioz foi também um vigoroso, espiritual, mordente e justiciero crítico musical, tendo colaborado em o *Correspondant*, na *Revue Européenne*, *Courrier de l'Europe*, *Journal des Débats* e na *Gazette musicale de Paris*, defendendo nesta última, com denodo, a chamada «música de programa».

Como escritor publicou: *A travers chants*, *Les années romantiques*, *Les grotesques de la musique*, *La musique et les musiciens*, etc.

O seu *Tratado de Orquestração* ficou célebre, assim como o seu não menos notável trabalho *Arte do chefe de orquestra*, considerados ainda hoje duas obras didáticas valiosas.

No decorrer da vida agitada de Berlioz, lutando contra os rotineiros odiosos e a inveja dos músicos seus contemporâneos, contra a doença e a miséria, surge um facto digno de se descrever, pela beleza moral que encerra.

O genial autor da *Sinfonia fantástica*, de posse da glória, mas pobre no verdadeiro sentido da palavra, apesar de doente, encontra-se na necessidade de realizar um concerto para socorrer às suas dívidas.

Esse concerto efectuou-se no Conservatório de Paris, a 16 de Dezembro de 1838, muito antes de Berlioz ter empreendido as triunfais «tournées» á Inglaterra, Alemanha e Rússia, sempre aplaudido e sobretudo compreendido, e onde encontrou o refrigerio para as suas exaustivas campanhas parisienses.

de EURICO TOMÁS DE LIMA

Ao concerto de 16 de Dezembro, assistiu Paganini, que informado da situação material de Berlioz, lhe enviou dois dias depois o seguinte bilhete:

«Meu caro amigo, Beethoven morto, não há senão Berlioz para o fazer reviver; e eu que gostei das vossas divinas composições dignas dum génio como vós, creio do meu dever rogar-vos que aceíteis, como homenagem da minha parte, vinte mil francos, que vos serão pagos na apresentação do incluso.

«Cria-me sempre vosso afeiçoado

«Nicolo Paganini».

Berlioz responde:

«O' digno e grande artista: Como exprimir-vos o meu reconhecimento!!!

«Eu não sou rico, mas, creia-me, o sufrágio dum homem de génio como vós, comove-me mil vezes mais que a generosidade real do vosso presente.

«As palavras escasseiam-me, correrrei a abraçar-vos logo que possa levantar-me da cama, onde ainda me encontro hoje.

«H. Berlioz».

Que qualquer Mecenas admirador oferecesse semelhante fortuna a Berlioz, seria já um acto digno de menção, mas partindo esse nobre gesto do «virtuoso» célebre que foi Paganini (isto é, de colega para colega), é surpreendente, é inédito, e é belo!